

# Arnaldo Albuquerque: pioneirismo marginal no quadrinho piauiense

*Arnaldo Albuquerque: marginal pioneering in Piauí Comics*  
*Arnaldo Albuquerque: pionero marginal en el cómic Piauí*

**Neila Tanísia Rocha Matias Siqueira**



Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil

neilatanisia@hotmail.com

**Gilberto Prado**



Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

gttoprado@gmail.com

## Resumo

Arnaldo Albuquerque foi pioneiro em diversas áreas culturais na cidade de Teresina – PI. Este trabalho foi estruturado de forma a contextualizar historicamente o espaço e o tempo vividos por Arnaldo Albuquerque, abordando suas inspirações e o grave acidente sofrido, o qual, devido ao longo período de recuperação, foi o responsável pela criação de suas principais obras: a revista *Humor Sangrento* e a animação *Carcará: pega, mata e come*, ambas pioneiras no Estado do Piauí.

**Palavras-chave:** quadrinho; Arnaldo Albuquerque; Piauí.

## Abstract

*Arnaldo Albuquerque pioneered several cultural areas in the city of Teresina - PI. The work was structured in order to contextualize historically the space and time lived by Arnaldo Albuquerque, addressing his inspirations and the serious accidents suffered that, due to the long recovery period, was responsible for creating his main works: the magazine *Humor Bloody* and animation *Carcará: picks, kills and eats* - both pioneers in the State of Piauí.*

**Keywords:** comics; Arnaldo Albuquerque; Piauí.

## **Resumen**

*Arnaldo Albuquerque fue pionero en diversas áreas culturales en la ciudad de Teresina - PI. El trabajo fue estructurado de forma a contextualizar históricamente el espacio y el tiempo vividos por Arnaldo Albuquerque, abordando sus inspiraciones y el grave accidente sufrido que, debido al largo período de recuperación, fue el responsable por la creación de sus principales obras: la revista Humor Sangriento y la animación Carcará: toma, mata y come - ambas pioneras en el Estado de Piauí.*

**Palabras clave:** *cuadrado; Arnaldo Albuquerque; Piauí.*

## **1. Arnaldo Albuquerque: pioneiro, revolucionário, irônico, transgressor, múltiplo e plural**

Arnaldo da Costa Albuquerque nasceu em 25 de julho de 1952, em Teresina - PI, dois anos depois do Pato Donald,<sup>1</sup> e faleceu em 8 de janeiro de 2015, aos 63 anos, um dia após o grande atentado aos cartunistas franceses do jornal *Charlie Hebdo*, ataque terrorista que deixou doze mortos e várias pessoas feridas.

A carreira de Arnaldo Albuquerque foi pautada pela experimentação em todas as artes. Atuou no cinema, na fotografia, na escultura, na pintura, na cenografia para o teatro, na literatura, nos quadrinhos, na animação, como produtor musical e nas artes gráficas - como diagramador, ilustrador e editor de jornais. Sua infância e adolescência foram vividas no centro da cidade de Teresina, na região chamada *Barrocão*, atual avenida José dos Santos Silva, e no Rio de Janeiro, na rua Voluntários da Pátria. Dessas experiências entre capitais, Arnaldo amadureceu sua concepção artística, vivenciou momentos políticos importantes e levou para suas obras toda a inquietação da juventude da época, os movimentos de contracultura, da arte marginal e da total liberdade de expressão.

Nas proximidades de sua casa, em Teresina, estavam o Colégio Desembargador Antônio Costa, Colégio Diocesano, e o Instituto Elias Torres, onde estudou, assim como a Praça Saraiva, Praça Pedro II e Praça da Liberdade, locais de encontros com os amigos e região de grande concentração comercial de gráficas, papelarias e livrarias da cidade. Sua família era sócia da Livraria, Papelaria e Tipografia Antônio Lopes, que ficava situa-

da na Rua Rui Barbosa, no centro sul de Teresina.

De acordo com o sobrinho de Arnaldo Albuquerque, Bruno Oliveira<sup>2</sup>, o artista aprendeu muita coisa com sua tia, Dita Lopes, que lhe apresentou personagens folclóricos, como a Burrinha, Jaraguá, Bumba meu boi, Saci Pererê, Cabeça de cuia e Num se pode<sup>3</sup>. Não havia luz elétrica naquela região e a visão do céu estrelado da cidade favorecia a contação de histórias, estimulando a imaginação e criatividade das crianças daquele bairro. D. Dita possuía um radioamador que captava rádios de vários países, e as crianças adoravam brincar de tentar adivinhar o que eles estavam falando.<sup>4</sup>

Sua irmã, Maria Natividade, foi uma das primeiras a perceber o interesse de Arnaldo pelas artes plásticas e o presenteava com estojos de tinta e outros materiais para desenho e pintura. Ela aparece nos agradecimentos da primeira animação piauiense criada por Arnaldo, *Carcará: pega, mata e come*, como Nati. Foi morar no Rio de Janeiro ainda na adolescência e, entre os anos de 1966 e 1967, foi uma das responsáveis por fazer com que a família se mudasse para lá. Na época, Pai Venâncio (Pai de Arnaldo) já havia falecido, vítima de um câncer que tratava havia mais de 10 anos, na cabeça.

Nas palavras do próprio Arnaldo Albuquerque,<sup>5</sup>

Essa minha transação com quadrinho advém do meu pai. Meu pai comprava revista para os garotos. Os garotos eram meus irmãos mais velhos, e quando meu pai descobriu que eu estava com problema na vista, eu estava lendo um livro, eu já era alfabetizado, mas só tinha uns 5 anos, aí não tinha médico aqui que ele confiasse e mandou para Fortaleza, e lá não tinha televisão, ela só veio chegar aqui em 1959 ou 1960. Eu gostava muito de ver TV os Legionários TODDY, e eu gostava de alto contraste, colocava a TV bem contrastada. Papai nos incentivava a ler quadrinhos. Ele acreditava que quadrinhos incentivava a leitura. Meu pai foi um cara magnífico, que sofreu muito, teve um problema na cabeça (OLIVEIRA, 2010).

Ainda na infância, Arnaldo conviveu com pessoas ligadas ao cinema. Uma delas foi Ubaldo, o projetorista do Cine Rex, no centro de Teresina. Por causa da amizade e do interesse de Arnaldo, aquele o presenteava com pedaços de película que sobravam dos filmes que eram exibidos. A brincadeira consistia em unir os pedaços e contar uma história imaginária sem roteiro fixo para depois projetar na parede de casa. “Fazíamos umas máquinas muito loucas de buriti.<sup>6</sup> Tinha um buraco e a gente aproveitava a luz

do sol. A lente era uma lâmpada cheia de água. A gente fazia uma sequência de cenas”. (ALBUQUERQUE, 1998).

Durvalino Couto, amigo de Arnaldo, lembrou, no documentário *Sem Palavras*,<sup>7</sup> que este já desenhava em seus cadernos, na adolescência. A proximidade com as artes gráficas e a ilustração fez com que ele contribuísse com o jornal *Mural* do Colégio Diocesano, que tinha apenas uma página e falava do cotidiano da escola, além de outras produções para cartazes e cenografia.

Participou de eventos artísticos importantes na cidade e exerceu cargos em instituições de fomento à cultura no Estado do Piauí. Tinha apenas 17 anos quando ganhou seu primeiro prêmio no I Salão de Artes Plásticas do Piauí. Ainda em 1969, mudou-se para o Rio de Janeiro, a contragosto, obrigado por sua mãe, Filomena. Contudo, a ida para a cidade maravilhosa ainda na adolescência foi uma das responsáveis por seu amadurecimento artístico.

Mesmo jovem, interessava-se por críticas cinematográficas e teve seu fascínio percebido por sua irmã, Natividade, que lhe conseguia revistas na Cinelândia, região do centro do Rio de Janeiro onde se concentravam cinemas, bares e teatros. O cinema novo de Glauber Rocha, o surrealismo de Luiz Buñel e a montagem de Eisentein o encantavam e isso ficou enraizado em sua mente, refletindo na fase adulta e em suas produções gráficas e audiovisuais.

Arnaldo passou aproximadamente três anos morando no Rio de Janeiro. Quando retornou a Teresina, em 1971, começou a trabalhar como cartunista no *Jornal O Dia*<sup>8</sup>, que iniciava uma nova trajetória em comemoração aos seus 20 anos de fundação. A publicação das charges era diária e a qualidade de seu trabalho foi inovadora e estimulou outros artistas e jornais a investirem nessa área. Antes dele, as charges e ilustrações nos jornais piauienses eram pouco valorizadas.

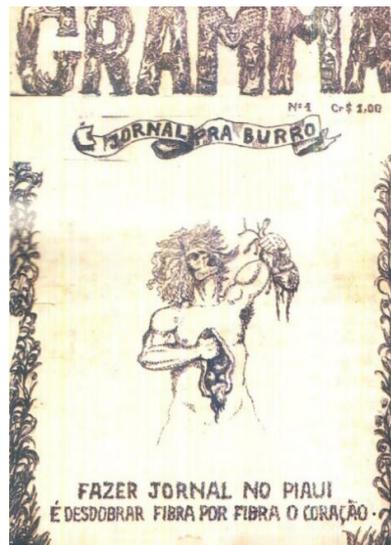
No mesmo ano, Arnaldo ainda lançaria o jornal *Gamma*, com um grupo de amigos. Retornou ao mesmo bairro onde nasceu e viveu a infância, agora mais amadurecido e focado naquilo com que gostava de trabalhar: as artes gráficas, a charge e os quadrinhos.

## **2. Sentados na grama, criaram o *Gamma***

Em março de 1972, paralelo às atividades do *Jornal O Dia*, Arnaldo Albuquerque e um grupo de amigos lançaram um jornal independente intitulado *Gamma* (Figura 1). Nas palavras do próprio Arnaldo, “A proposta era cada um fazer o que quisesse.

Toda tarde, nos reuníamos na Praça da Liberdade, onde tinha um mandacaru para trocar pipoca<sup>90</sup> (Figura 2). E nessa troca de pipocas, de bate-papos descontraídos com os amigos, sentados na grama, foi que o jornal surgiu, com uma proposta independente e libertária, sem amarras nem censura.

**Figura 1**



Capa do jornal Gramma – 1972.

Fonte: Acervo da família de Arnaldo Albuquerque

**Figura 2**



Reunião dos amigos na grama da Praça da Liberdade, próximos ao Mandacaru. Na imagem, podem-se ver, da esquerda para direita: Galvão (Carlos), Haroldo, Arnaldo, ETIM, Marcos Igreja, Durvalino, Pereira (o careca), Edmar de pé, o Paulo José Cunha.

Fonte: Santos Neto (2012, p. 206).

*Gamma* foi o primeiro jornal mimeografado do Estado, mas a impressão era feita em Brasília. O nome tem duplo sentido, devido ao fato de se reunirem na grama e à semelhança com o jornal de esquerda *Gramna*, de Cuba. Arnaldo já fazia alguns trabalhos para o jornal *O Pasquim*, do Rio de Janeiro, e aproveitou sua experiência com charges e diagramação para aplicar no jornal independente.

Edmar Oliveira, um dos componentes do grupo *Gamma*, fala com admiração do trabalho de Arnaldo:

Fizemos um jornal na década de 1970, que circulou apenas duas vezes, mas nomeou uma geração: *Gamma*. E as duas capas eram dele. A do número um, aqui reproduzida, é uma obra-prima. No nome *Gamma*, detalhes podem ser acompanhados com uma lupa, de cenas proibidas na nudez com erotismo digno de um Wolinski. Entre as cenas de sexo, o coração de Jesus pende do meio do primeiro M com a inscrição blasfêmica do coração de Jesus era de pedra”, e na última perna desse primeiro M a própria face do Cristo contrasta com o inferno que queima a lascívia do outro M. Mas no conjunto das letras, o mal parece vencer o bem da religião. As outras letras parecem vencer o M do Cristo, mas é nele que se pode ler *a maior curtição*. O desenho central parece um autorretrato que arranca o coração do peito num rasgo tão grande que expõe as vísceras abdominais de forma chocante. Singelas flores emolduram o quadro.

[...] Essa capa faz prescindir o conteúdo do jornal na temporalidade. É o que fica. É a transgressão que nos representa, toda uma geração, num desenho dele. Na mesma época, era fundado o *Charlie Hebdo*, na França, e aqui na terra *O Pasquim* já era reconhecido por dialogar com a contracultura. Era no desenho do Arnaldo que nós gritávamos, no Estado mais atrasado da federação brasileira, que o sertão entrava no cenário da contracultura. (OLIVEIRA, 2010, grifos do autor).

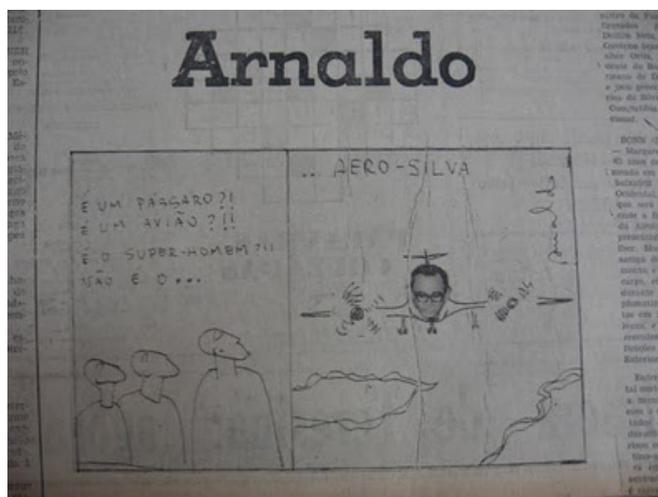
Além do *Gamma*, outros jornais foram produzidos nesse ano, a exemplo de *O Estado Interessante* e *Hora fatal*. Arnaldo era o artista gráfico de todos os jornais criados pelo grupo, formado por Carlos Galvão, Haroldo, Etim, Marcos Igreja, Durvalino Couto, Pereira, Edmar Oliveira, Paulo José Cunha e o próprio Arnaldo Albuquerque. O

fato de sua família possuir uma gráfica facilitava o trabalho, pois convivia com os tipos e as tintas rotineiramente.

Em 21 de Janeiro de 1972 foi publicada no *Jornal O Dia* a charge intitulada *Aerosilva* (Figura 3), que lhe rendeu complicações com a Polícia Federal. Depois de ser preso dentro de sua casa, passou o dia prestando depoimento e só saiu após a intervenção da jornalista Elvira Raulino, que trabalhava com ele no *Jornal O Dia* e era muito influente e respeitada naquela época.

Em entrevista para o documentário *Sem Palavras* (OLIVEIRA, 2010), Arnaldo conta que não foi torturado, mas “só lhe ofereceram um cafezinho”.

Figura 3



Charge denominada *Aerosilva*, publicada no *Jornal O Dia*, em 21 de janeiro de 1972.

Fonte: Arquivo da família

A charge era uma crítica à gestão do então governador Alberto Silva. No texto da Charge pessoas perguntavam: “É um pássaro? É um avião? É o Super-homem? Não, é o AEROSILVA”. Os editores sofriam pressões para não aprovar algumas publicações contra o governo, pois ainda se vivia sob a ditadura militar. Após a publicação, o jornal passou a ser mais vigiado e várias matérias foram censuradas.

De acordo com Miranda (2012, p. 174),

As charges e quadrinhos de Arnaldo por vezes conseguiam driblar essa censura interna que ocorria na redação do jornal. No jornal *O Dia* de 21 de janeiro de 1972, foi publicada uma tirinha em que Alberto Silva era chamado de Aero-Silva,

associando-o a um avião. Na mesma data, o jornal havia publicado uma matéria *Alberto não viaja mais para Israel*. Naquele período, o Governador realizara muitas viagens e Arnaldo, no quadrinho, chama atenção para este fato. Resultado: acabou sendo interrogado pela polícia e a censura se tornou mais rigorosa no jornal. “Só depois que fui chamado à polícia, não poderíamos fazer nada que parecesse com a ditadura. O Wanderley que era o editor fazia certa censura, por mais que ficasse constrangido, mas ele tinha que obedecer ao dono do jornal”.

Para que o jornal continuasse a funcionar, deveria manter uma relação de confiança com o governo. Arnaldo seguia irônico e em busca de liberdade para sua arte, mas se viu preso pela força dos seus empregadores. Continuou trabalhando firme no *Jornal O Dia* por muitos anos, mas produzindo material alternativo.

### **3. Um acidente, uma história em quadrinhos**

Arnaldo Albuquerque tinha um estilo próprio: gostava de usar jaqueta de couro e pilotava sua moto em alta velocidade. Em 1975, voltando do trabalho, invadiu a preferencial e caiu em um monte de areia de uma construção. Sua tia, Maria da Soledade,<sup>10</sup> conta que por pouco ele não morreu, pois quase batia a cabeça em um muro.

A notícia foi dada à família quando ele já havia sido socorrido e levado ao hospital. A felicidade em vê-lo vivo uniu a família em prol de sua recuperação. Sua perna ficou na tração por cerca de nove meses, até que fosse para o Rio de Janeiro para ser operado.

Bruno Oliveira,<sup>11</sup> sobrinho de Arnaldo, lembra que, durante o período de recuperação, o tio recebia muitas visitas importantes, e lá mesmo eram produzidos muitos materiais para revistas, jornais e cartazes de shows. O quarto ficava com a janela voltada para a rua, e Arnaldo, sem poder se mexer direito, deitado na cama, usava um espelho para observar o movimento e conversar com as pessoas que passavam por ali.

Bruno mencionou, inclusive, que aqueles momentos foram muito difíceis para o tio, mas ele, com toda sua inquietação, buscava forças para não parar de trabalhar e se recuperar logo. Nas palavras do próprio Arnaldo:

Era 1975, eu trabalhava na gráfica, na livraria e, quando eu vinha um dia, às 11:30, no cruzamento da Arêa Leão com a Félix Pachêco, eu invadi a preferencial, eu só andava correndo, eu não me arrependo de dizer, não, hoje eu sou

lascado por causa da perna (risos), mas era legal demais. Daí eu li numa revista, não sei que publicação, que andar de moto, você não anda de moto, você não olha a paisagem, você faz parte da paisagem. [...] fiquei três anos, seis meses e dois dias para levantar a primeira vez. [...] fiquei sentindo falta de preencher o tempo. (OLIVEIRA, 2010).

Os desenhos da revista *Humor Sangrento* foram feitos enquanto Arnaldo ainda se recuperava do acidente, no Rio de Janeiro. Em consonância com Albert Piauhy, “A revista foi feita toda aqui (Teresina), sem a presença do Arnaldo [...] ele não se preocupava com o padrão de tamanho das pranchas enviadas. [...] isso dificultava a diagramação e eu tinha que refazer todo o desenho e remontar tudo”.<sup>12</sup> A revista foi lançada em 1977, como a primeira publicação de quadrinhos do Piauí. “O Arnaldo mandava as histórias do Rio de Janeiro para cá, as histórias que ele fazia deitado. E a gente queria fazer algo pelo Arnaldo. Era o único cara que desenhava quadrinhos no Piauí e fazia quadrinho inteligente”.<sup>13</sup>

A revista (Figura 4) era uma coletânea de vários trabalhos de Arnaldo, 23 pequenas histórias em 36 páginas, sendo alguns trabalhos inéditos e outros publicados anteriormente em jornais onde ele trabalhava. O prefácio é do Professor Cineas Santos<sup>15</sup>. Em um dos trechos do prefácio,<sup>14</sup> ele destacou: “A exemplo dos cactos que infestam as caatingas de cá, não precisou muita chuva para crescer e florescer. *Humor Sangrento* é a maior prova disto”.

Figura 4



Capa da revista *Humor Sangrento*, de 1977, e detalhe do logotipo das Publicações Suicidas.

Fonte: Revista *Humor Sangrento*, relançada em 2007

Trinta anos depois, em 2007, a revista foi relançada pelo Núcleo de Quadrinhos do Piauí, cuja diretoria estava a cargo de Bernardo Aurélio, outro grande estudioso da obra de Arnaldo Albuquerque. A nova publicação foi possível graças à Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Piauí e do governo municipal, preservando a sequência de histórias originais e acrescentando 14 novas histórias e charges publicadas na revista *Presença* e nos *Cadernos de Teresina*.<sup>16</sup>

A revista teve repercussão nacional, sendo lançada no Rio de Janeiro e em São Paulo, com uma tiragem de 2 mil exemplares, como Cíneas Santos relembra:

Eu lembro que na capa da *Humor Sangrento*, a figura era um cara com o dedo apontado para o ouvido e nome da coisa era *Edições suicidas*, quer dizer, um negócio totalmente doido, mas aquela capa era clássica. Arnaldo fez uma capa que não tem nada melhor em matéria de quadrinho, um cara fuzilando os desenhistas americanos. (OLIVEIRA, 2010).

Arnaldo inseria-se, com suas tirinhas, charges e quadrinhos, em um momento em que se consumia muito produto estrangeiro em todo o Brasil, com uma temática totalmente voltada para o movimento de contracultura. “A proposta principal de *Humor Sangrento* era criticar o imperialismo, era uma revista de esquerda e de autolibertação.” (OLIVEIRA, 2010).<sup>17</sup>

Aprópria análise da capa da revista *Humor Sangrento* demonstra isso: desenhistas munidos com seus bicos-de-pena, empunhados como se fossem lanças, a fim de destruir a cultura estrangeira, representadas por personagens dos quadrinhos encurralados no muro. Flash Gordon, Pato Donald, Luluzinha, Spirit e Super Man são alguns dos representados na capa da revista. No canto direito, uma caricatura do próprio Arnaldo Albuquerque, com um bastão na mão e boca aberta, como se desse a ordem: “Vamos atacar! Vamos lutar pela cultura nacional”.

Neste contexto, encontramos algumas contradições do artista: ele que era leitor assíduo de quadrinho estrangeiro, utiliza seu trabalho nas tirinhas e quadrinhos para criticar a cultura norte-americana.

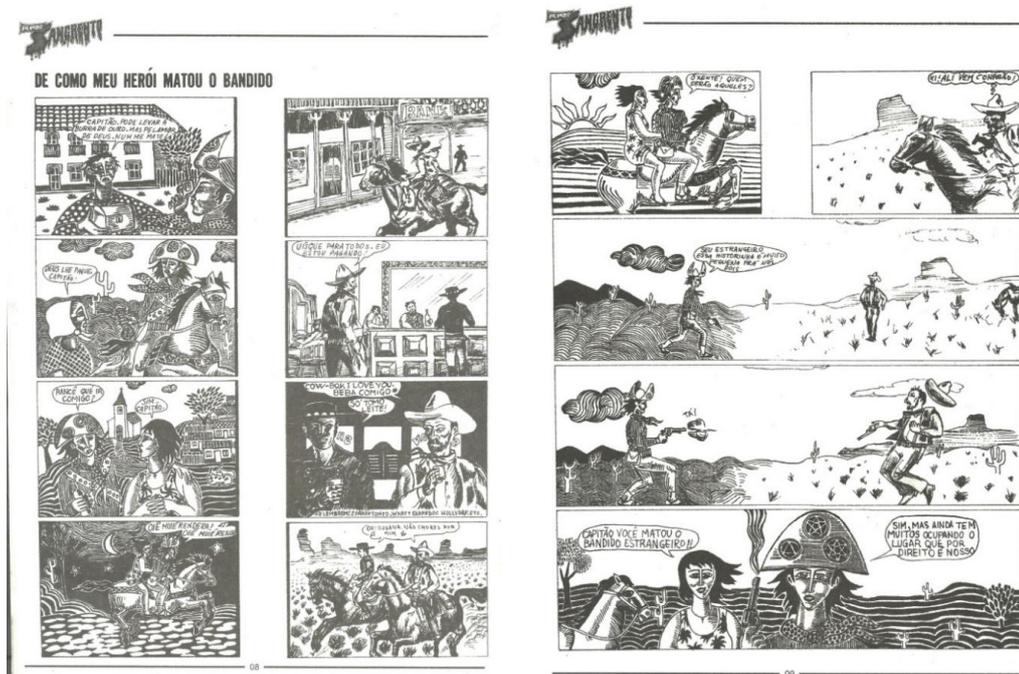
Bernardo Aurélio, no prefácio da *Humor Sangrento* de 2007, escreveu que “a maioria das histórias se limitavam a apenas uma ou duas páginas, aliás, esta é uma das principais características do autor: breve e preciso.”

E assim, todo o contexto da revista foi montado, autoral, crítico, regionalista, vanguardista, expondo as mazelas sociais que nenhum outro meio de comunicação conseguia mostrar de forma tão marcante: exploração sexual, poluição dos rios Poty e Parnaíba, em Teresina, lendas locais, influência da televisão na vida das pessoas, entre outros temas.

Ainda na linha do regionalismo e da luta contra tudo o que era estrangeiro, Arnaldo traçou, na história *De como meu herói matou o bandido* (Figura 5), um paralelo entre duas histórias que acontecem ao mesmo tempo - a diagramação em duas colunas, em um primeiro momento, leva o leitor à comparação simultânea das duas histórias até que, ao virar a página, os quadrinhos fundem-se e o nosso cangaceiro diz:

[...]“seu estrangeiro, esta historinha é muito pequena para nós dois”. E após a morte do estrangeiro, o diálogo: “Capitão, você matou o estrangeiro! Sim, mas ainda tem muitos ocupando o lugar que por direito é nosso”. Dessa forma, os quadrinhos, antes divididos, são unidos e o cangaceiro/capitão domina, no final. (AURÉLIO, 2007).

Figura 5



Uma das histórias da revista *Humor Sangrento*.  
Fonte: Revista *Humor Sangrento*, 2007, p. 8-9.

A última história da revista de 2007 representa o caos na cidade do Rio de Janeiro, a segunda casa de Arnaldo Albuquerque. Misturando nanquim e técnica aguada (Figura 6), ele mostra um sobrevivente, náufrago, remando em um mar revolto, um homem, uma simples jangada em meio a um turbilhão de emoções. De longe, ele avista o que seria um pedaço de terra e grita: “Terra à vista” - fazendo alusão aos ditos de Cabral na era do descobrimento. Ao aproximar-se, o susto é grande: “É Deus! Seria a salvação?” Mas quando a imagem se afasta, como um grande plano, o Cristo Redentor, símbolo da cidade maravilhosa, está afogado, sem braço. “Merda!” É a única coisa que resta a dizer.

Figura 6



*Terra à vista*, uma das histórias da revista *Humor Sangrento*.

Fonte: Revista *Humor Sangrento*, 2007, p. 63-64.

Arnaldo, com dificuldade de locomoção, assim como o Cristo amputado, vê no Rio de Janeiro uma saída, mas devido a tantos problemas de saúde, não consegue aproveitar tudo o que a cidade poderia lhe proporcionar. O desafio agora era criar algo, unir as forças para que sua mente criativa voltasse a funcionar e não afundasse de vez em um processo depressivo que o levou ao vício do álcool. Ainda em vida, foi homenageado por ativistas culturais da cidade, voltou a quebrar a perna e dessa vez não conseguia mais lutar pela vida, seu companheiro era o bar a poucos metros da sua casa, onde batia ponto

todos os dias. Faleceu lentamente na casa da família, mas, até hoje, pelo pioneirismo e qualidade artística, merece ser estudado e lembrado pelas futuras gerações.

#### 4. Considerações finais

É inegável o talento de Arnaldo Albuquerque e a relevância de sua influência artística para as futuras gerações. Ele explorou diferentes técnicas na revista *Humor Sangrento* e em suas produções audiovisuais. Os temas daquela década parecem-nos tão comuns, hoje, que a sensação é de não ter havido evolução nas questões sociais e políticas: a poluição nos rios de Teresina, a dominação estrangeira em nossa cultura, os crimes, a censura disfarçada - damos risada da nossa situação política, mas acreditamos pouco em mudanças, ou seja, o humor continua sangrento.

#### Notas

1 Arnaldo, em entrevista para o documentário *Sem Palavras* sob a direção Aristides Oliveira, Bernardo Aurélio e Meire Fernandes, em 2010. O documentário entrevistou pessoas importantes do cenário artístico do Piauí sobre a vida e as obras de Arnaldo Albuquerque. O artista brinca com o fato de ter sua data de nascimento próxima ao do Pato Donald. A revista foi lançada em julho de 1950, pela Editora Abril.

2 Em entrevista concedida em janeiro de 2017.

3 *Cabeça de cuia* e *Num-se-pode* são personagens folclóricos típicos de Teresina e descritos em quadrinhos por Arnaldo Albuquerque. O *Cabeça de cuia* foi amaldiçoado por sua mãe, após uma briga, e fica vagando entre os rios Parnaíba e Poty, procurando sete Marias virgens para acabar com sua maldição. A *Num-se-pode* é uma mulher que vaga pelo centro da cidade pedindo fogo para acender seu cigarro. Quando algum homem lhe nega o pedido, ela cresce e transforma-se. essa lenda surgiu ainda na época em que Teresina tinha postes abastecidos por querosene. A *Num-se-pode* crescia para acender seu cigarro no fogo dos postes e assustava quem passava, gritando “num-se-pode”, fazendo referência ao ato de negar o fogo.

4 Entrevista concedida por Bruno Oliveira, em janeiro de 2017.

5 Entrevista concedida para o Documentário *Sem Palavras*.

6 Buriti é o fruto do buritizeiro, um tipo de palmeira típica do Piauí. Suas folhas e seus talos, quando secos, são muito utilizados no artesanato.

7 Documentário *Sem Palavras*.

8 *Jornal O Dia* teve primeiro chargista diário. Disponível em: <http://www.portalodia.com/noticias/o-dia-ano-60/jornal-o-dia-teve-primeiro-charge-diario-101665.html>. Acesso em: 16 mai. 2017.

9 Em entrevista concedida para o documentário *Sem Palavras*.

10 Entrevista concedida em março de 2017.

11 Idem.

12 Entrevista concedida em março de 2017.

13 Albert Piauhy, em entrevista a Bernardo Aurélio.

14 Escritor, editor e apresentador de programa de TV em Teresina.

15 Revista *Humor Sangrento*, edição comemorativa de 30 anos (2007).

16 Idem.

17 Arnaldo Albuquerque, em entrevista para o documentário *Sem Palavras*.

## Referências

ALBUQUERQUE, Arnaldo. *Revista Pulsar*. Teresina, Ano I, n. 2, jul./dez. 1998.

AURÉLIO, Bernardo. *Humor Sangrento*. Edição comemorativa de 30 anos, 2007.

GALVÃO, Adriana. *Ativismo audiovisual em Teresina e a composição de um cinema piauiense*. 2012. 309 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, ago. 2012.

HALAS, John; MANVEL, Roger. *A técnica da animação cinematográfica*. São Paulo: Civilização Brasileira/EMBRAFILME, 1979.

MARQUES, Wilson. *O jovem João do Vale*. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.

MIRANDA, Marcela. *Chapada do Corisco e Gramma: por um jornalismo diferente durante a ditadura militar no Piauí*. Teresina, PI: Universidade Federal do Piauí, 2012.

OLIVEIRA, Aristides; FERNANDES, Meire; AURÉLIO, Bernardo. *Sem Palavras*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FvBnCLo6AMA>. Acesso em: 10 jul. 2016.

SIQUEIRA, Neila Tanísia Rocha Matias. *Anima-THE: design, memória e restauração da primeira animação piauiense*. 2017. 151 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.